



FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

Relatório Final do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC)
FGV/CNPq

**A Guerra de Canudos ,
Ideologia e o papel da
imprensa no episódio.**

Orientando : Roberto Camargo Leite Moreira
Orientador : Prof. Dr. Esdras Borges Costa

4/06/96



FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

Relatório Final do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC)
FGV/CNPq

**A Guerra de Canudos,
Ideologia e o papel da
imprensa no episódio.**

Orientando : Roberto Camargo Leite Moreira
Orientador : Prof. Dr. Esdras Borges Costa

4/06/96

I. Introdução

O presente trabalho se propõe a analisar a Guerra de Canudos não somente sob o enfoque histórico, do qual não se pode de maneira nenhuma prescindir, mas também procura-se inovar e para isto busca lançar mão de conceitos teóricos advindos da Sociologia, Ciência Política, Filosofia e Teoria da Comunicação, para desta forma intentar, à luz destes conceitos, abordar de maneira ampla e abrangente este importantíssimo episódio da história nacional o qual além de ocasionar a morte de mais de 30.000 pessoas entre soldados e canudenses, convulsionou enormemente o cenário político e social do Brasil no século XIX.

Além deste escopo acima exposto, extremamente ambicioso por sinal e que com certeza somente estará sendo aqui traçado por linhas muito gerais e de maneira sumária, este ensaio procurará ainda delinear o importante papel desempenhado por Euclides da Cunha ao relatar suas memórias como correspondente de guerra do jornal *O Estado de São Paulo* no livro *Os sertões*, além de tentar também traçar o papel da imprensa nacional no episódio, procurando na medida do possível desestigmatizar a comunidade de Canudos e seus moradores bem como a imagem de seu líder Antônio Conselheiro, uma vez que por praticamente 70 anos a única versão que nos foi inculcada a respeito de Canudos foi a de uma comunidade de fanáticos religiosos, visão esta que ainda perdura e cuja imagem desvirtuada permanece ainda hoje no imaginário das pessoas.

Ao abordar os aspectos históricos do episódio da Guerra de Canudos na história brasileira, seria interessante ressaltar o modo como foram criadas basicamente duas maneiras diversas de se retratar o conflito, fundamentalmente antagônicas, as quais são comumente encontradas na historiografia brasileira. Uma maneira de se retratar é a versão antiga da história, amplamente adotada até meados de 1970 (quando da publicação do trabalho do historiador Ataliba Nogueira), que se caracteriza pela semelhança de abordagem com a obra prima de Euclides da Cunha, *Os sertões*, e também com a maioria dos relatos feitos pelos correspondentes de guerra dos jornais da época, relatos estes que encontram-se reunidos no brilhante trabalho de Walnice Nogueira Galvão, *No calor da Hora*.

A monumental obra *Os sertões*, juntamente com os escritos da imprensa, durante muito tempo balizou a maioria dos escritos historiográficos a respeito do conflito entre os sertanejos e as tropas republicanas no sertão baiano, no final do século XIX, e como veremos mais adiante neste relatório, muitos destes escritos propugnavam valores republicanos e da ideologia predominante.

Esta versão dos fatos caracteriza-se pela retratação do modo de vida sertanejo como atrasado e arcaico, seu povo analfabeto e ignorante e, particularmente, a comunidade de

Canudos como constituída por jagunços violentos, liderados por um fanático religioso ensandecido, tudo isso em contraste gritante com o sul do país, em pleno desenvolvimento, tendo influência cultural européia muito mais pronunciada e tendo como ideologia dominante o positivismo comteano, englobado pela ideologia republicana no campo político, muito em voga na Europa, e já adotada na América do Norte, representando a modernidade, o progresso e a evolução social mais natural para o Brasil.

Este contraste se traduziu na teoria dos "dois Brasis", adotada por Euclides da Cunha no seu célebre livro.

A reavaliação histórica aceita nos meios acadêmicos somente recentemente se deu com o lançamento da obra de Ataliba Nogueira, *Antônio Conselheiro e Canudos: Revisão Histórica; A Obra Manuscrita de Antônio Conselheiro e que Pertenceu a Euclides da Cunha*, na qual a comunidade é retratada não mais como uma horda de fanáticos religiosos e jagunços violentos, mas como uma comunidade sertaneja, galvanizada em torno de seus ideais religiosos e de sua vontade de escapar do jugo e da dominação das oligarquias que monopolizavam a posse da terra, liderada por um líder religioso laico, porém profundo conhecedor da Bíblia (além de ter sido professor), que foi Antônio Vicente Mendes Maciel.

Este conhecimento fica bastante claro na sua obra manuscrita *Prédicas aos camudenses e um discurso sobre a República*, transcrita no livro de Ataliba Nogueira, que vem desestruturar a argumentação daqueles que propõem que Conselheiro era um mestiço ignorante, religioso charlatão e ensandecido a ponto de se auto-julgar a encarnação do "bom Jesus". Escreve Ataliba Nogueira a respeito da desvirtuação feita da imagem de Antônio Conselheiro e de sua biografia: "Entretanto, em vida e depois de morto, artistas tão imaginosos como os escritores idealizam o seu retrato que só desfeia o peregrino para assim apresentá-lo à aversão de quantos querem conhecê-lo"¹, e prossegue com a assertiva de que "A revisão histórica de Antônio Conselheiro afasta definitivamente a seu respeito o emprego dos vocábulos atavismo, bronco, monarquista, fanático, messiânico, carismático, milagreiro, vesano e vesânico, e outros termos que desvirtuam ou eliminam todas as benemerências da grande figura histórica para somente apresentá-lo como beato..."²

Podemos afirmar que o que ocorreu foi uma verdadeira revolução no tratamento dispensado pelos historiadores à comunidade de Canudos e Antônio Conselheiro a partir do descobrimento feito por Ataliba Nogueira do paradeiro dos manuscritos do Conselheiro, os quais permaneceram durante muito tempo sob os cuidados de Euclides da Cunha (durante suas pesquisas obteve-os e os guardou até o momento de sua morte sem anunciar sua existência), uma vez que o manuscrito forneceu subsídios para uma interpretação completamente diversa do episódio pelos historiadores, pois a partir daí

puderam comprovar não só o conhecimento formal de Antônio Conselheiro da Bíblia , mas também a orientação política deste como monarquista e anti-republicano.

Para expor de forma genérica no que consiste esta teoria dos “dois Brasis” selecionamos trechos da obra *Os sertões*³.

“ ... e a sua reflexão histórica

A nossa história traduz notavelmente estas modalidades mesológicas.

Considerando-a sob uma feição geral , fora da ação perturbadora de pormenores inexpressivos , vemos , logo na fase colonial , esboçarem-se situações diversas.

Enfeudado o território , dividido pelos donatários felizes , e iniciando-se o povoamento do país com idênticos elementos , sob a mesma indiferença da metrópole , voltada ainda para as últimas imagens da “Índia portentosa” , abriu-se separação radical entre o sul e o norte.

Não precisamos rememorar os fatos decisivos das duas regiões. São duas histórias distintas , em que se averbam movimentos e tendências opostas. Duas sociedades em formação , alheada por destinos rivais -- uma de todo indiferente do modo de ser da outra , ambas , entretanto, evoluindo sob os influxos de uma administração única.

Ao passo que no sul se debuxavam novas tendências , uma subdivisão maior na atividade , maior vigor no povo mais heterogêneo , mais vivaz , mais pratico e aventureiro , um largo movimento progressista em suma -- tudo isto contrastava com as agitações, às vezes mais brilhantes mas sempre menos fecundas , do norte -- capitânicas esparsas e incoerentes , jungidas à mesma rotina , amorfas e imóveis , em função estreita dos alvarás da côrte remota .

A historia é ali mais teatral , porém menos eloqüente.

Surgem heróis , mas a estatura avulta-lhes , maior , pelo contraste com o meio; belas paginas vibrantes mas truncadas , sem objetivo certo , em que colaboram , de todo desquitadas entre si, as três raças formadoras.

Mesmo no período culminante , a luta com os holandeses , acampam , claramente distintos em sua tendas de campanha, os negros de Henrique Dias, os índios de Camarão e os lusitanos de Vieira . Mal unidos na guerra , distanciam-se na paz. O drama de Palmares , as correrias dos selvícolas , os conflitos na orla dos sertões , violam a transitória convergência contra o batavo.

Preso no litoral , entre o sertão inabordável e os mares , o velho agregado colonial tendia a chegar ao nosso tempo , imutável, sob o emperramento de uma centralização estúpida , realizando a anomalia de deslocar para uma terra nova o ambiente moral de uma sociedade velha.

Bateu-o , felizmente , a onda impetuosa do sul.

Aqui, a aclimação mais pronta, em meio menos adverso, emprestou, cedo, mais vigor aos forasteiros. Da absorção das primeiras tribos surgiram os cruzados das conquistas sertanejas, os mamelucos audazes. O paulista -- e a significação histórica deste nome abrange os filhos do Rio de Janeiro, Minas, São Paulo e regiões do sul -- erigiu-se como um tipo autônomo, aventureiro, rebelde, libérrimo, com a feição perfeita de um dominador da terra, emancipando-se, insurrecto, da tutela longínqua, e afastando-se do mar e dos galeões da metrópole, investindo com os sertões desconhecidos, delineando a epopéia inédita das 'Bandeiras' ..."

Neste trecho do livro deparamo-nos com uma tentativa de explicação histórica para a diferença existente entre o sul e o norte do Brasil, diferenciando o paulista (com significação para além do conhecido atualmente como aqueles naturais do Estado de São Paulo) do sertanejo.

O paulista é caracterizado como " mais vivaz, mais prático e aventureiro" que o povo do Norte, sendo que as capitânicas do Norte são caracterizadas como "capitânicas esparsas e incoerentes, jungidas à mesma rotina, amorfas e imóveis, em função estreita dos alvarás da corte remota", com estas comparações Euclides faz, destarte, uma apologia ao povo do sul. No próximo trecho selecionado, Euclides entrará em um tema bastante recorrente em seu livro que é a formação étnica do povo brasileiro, também aqui fazendo distinções entre o tipo antropológico do norte e o do sul⁴.

" A formação brasileira no norte

Procuremos porém, neste intrincado caldeamento a miragem fugitiva de uma sub-raça, efêmera talvez. Inaptos para discriminar as nossas raças nascentes, acolhamo-nos ao nosso assumpto. Definamos rapidamente os antecedentes históricos do jagunço.

Ante o que vimos a formação brasileira do norte é mui diversa da do sul. As circunstâncias históricas, em grande parte oriundas das circunstâncias físicas, originaram diferenças iniciais no enlace das raças, prolongando-as até o nosso tempo.

A marcha do povoamento, do Maranhão à Bahia, revela-as.

Assim a gênese do mulato teve uma sede fora do nosso país. A primeira mestiçagem com o africano operou-se na metrópole. Entre nós, naturalmente, cresceu. A raça dominada, porém, teve, aqui, dirimidas pela situação social, as faculdades de desenvolvimento. Organização potente afeita á humildade extrema, sem as rebeldias do índio, o negro teve, de pronto, sobre os ombros toda a pressão da vida colonial. Era a besta de carga adstrita a trabalhos sem folga. As velhas ordenações, estatuindo o "como se podem engeitar os escravos e bestas por os acharem doentes ou

mancos”, denunciam a brutalidade da época. Além disto, - insistamos num ponto incontroverso -, as numerosas importações de escravos se acumulavam no litoral. A grande tarja negra debruava a costa da Bahia ao Maranhão, mas pouco penetrava o interior. Mesmo em franca revolta, o negro humilde feito quilombola temeroso, agrupando-se nos mocambos, parecia evitar o âmago do país. Palmares, com seus trinta mil mocambeiros, distava afinal poucas léguas da costa.

...

O elemento africano de algum modo estacou nos vastos canaviais da costa, agrilhoados á terra e determinando cruzamento de todo diverso do que se fazia no recesso das capitâneas. Aí campeava, livre, o indígena inapto ao trabalho e rebelde sempre, ou mal tolhido nos aldeamentos pela tenacidade dos missionários. A escravidão negra, constituindo-se derivativo ao egoísmo dos colonos, deixava aqueles mais desembaraçados que no sul, nos esforços da catequese. Os próprios sertanistas ao chegarem, ultimando as rotas atrevidas, àquelas paragens, tinham extinta a combatividade.

Alguns, como Domingos Sertão, cerravam a vida aventureira, atraídos pelos lucros das *fazendas de criação*, abertas naqueles grandes latifúndios.

Deste modo se estabeleceu distinção perfeita entre os cruzamentos realizados no sertão e no litoral.

Com efeito, admitido em ambos o denominador comum o elemento branco, o *mulato* erige-se como resultado principal do último e o *curiboca* do primeiro.

...

O vaqueiro

É que já se formara no vale médio do grande rio [São Francisco] uma raça de cruzados idênticos àqueles mamelucos estrênuos que tinham nascido em São Paulo. E não nos demasiamos em arrojada hipótese admitindo que este tipo extraordinário do paulista, surgindo e decaindo logo no sul, numa degeneração completa ao ponto de declinar no próprio território que lhe deu o nome, ali renascesse e, sem os perigos das migrações e do cruzamento, se conservasse prolongando, intacta, ao nosso tempo, a índole varonil e aventureira dos avós. Porque ali ficaram, inteiramente divorciados do resto do Brasil e do mundo, murados a leste pela Serra Geral, tolhidos no ocidente pelos amplos campos gerais, que se desatam para o Piauí e que ainda hoje o sertanejo acredita sem fins”

Finalmente, após a caracterização étnica do sertanejo e do paulista, Euclides surpreende-nos adotando teorias que se julgava obedecer aos princípios científicos e da teoria da evolução das espécies de Darwin, mas que na verdade nada mais

são que tentativas de construção de sistemas científicos fundamentados no preconceito, para legitimar o processo de subjugação de uns povos - denominados raças fracas - sobre outros - denominados raças fortes , sendo que nestes sistemas a raça branca aparece como sendo hierarquicamente superior às demais raças .

Este processo de subjugação durante séculos se desenvolvera com a escravização dos negros da África e com a manutenção e exploração das colônias pelas metrópoles européias que , efetivamente , haviam dividido o controle do restante do mundo entre seus impérios.

Euclides da Cunha adota este tipo de teoria para colocar em contraste o modo de vida sertanejo atrasado com o modo de vida supostamente mais avançado no sul , ressaltando para isto as diferenças étnicas , para posteriormente tentar explicar o triunfo da República sobre os canudenses como um processo natural de evolução social .

“Um parêntesis irritante”⁵

Abramos um parêntesis...

A mistura de raças mui diversas é , na maioria dos casos , prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo , ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior , despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu , o negro e o brazílio-guarany ou o tapuia , exprimem estadios evolutivos que se fronteiam , e o cruzamento , sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro , é um estimulante à reviviscência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço - traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares - é quase sempre , um desequilibrado.

Foville compara-os , de um modo geral , aos histéricos. Mas o desequilíbrio nervoso , em tal caso , é incurável: não ha terapêutica para este embater de tendências antagonistas , de raças repentinamente aproximadas , fundidas num organismo isolado. Não se compreende que após divergirem extremadamente , através de largos períodos entre os quais a história é um momento , possam dous ou três povos convergir , de súbito , combinando constituições mentais diversas , anulando em pouco tempo distinções resultantes de um lento trabalho seletivo. Como nas somas algébricas , as qualidades dos elementos que se justapõem , não se acrescentam , subtraem-se ou destroem-se segundo os caracteres positivos e negativos em presença. E o mestiço, - mulato, mameluco ou cafuz - menos que o intermediário , é um decaído , sem a energia física dos ascendentes selvagens , sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores. Contrastando com a fecundidade que acaso possua , ele revela casos de hibridez moral extraordinário: espíritos fulgurantes , às vezes , mas frágeis , irrequietos , inconstantes , deslumbrado um momento e extinguindo-se prestes , feridos pela fatalidade das leis

biológicas , chumbados ao plano inferior da raça menos favorecida. Impotente para formar qualquer solidariedade entre as gerações opostas , de que resulta , reflecte-lhes os vários aspectos predominantes num jogo permanente de antíteses. E quando avulta - não são raros os casos - capaz das grandes generalizações ou de associar as mais complexas relações abstratas, todo esse vigor mental repousa (salvante os casos excepcionais cujo destaque justifica o conceito) sobre uma moralidade rudimentar, em que se presente o automatismo impulsivo das raças inferiores.

É que nessa concorrência admirável dos povos , envolvendo todos em luta sem tréguas , na qual a seleção capitaliza atributos que a hereditariedade conserva , o mestiço é um intruso. Não lutou ; não é uma integração de esforços ; é alguma cousa de dispersivo e dissolvente ; surge , de repente , sem caracteres próprios , oscilando entre influxos opostos de legados discordes. A tendência á regressão ás raças matrizes caracteriza a sua instabilidade. É a tendência instintiva a uma situação de equilíbrio. As leis naturais pelo próprio jogo parecem extinguir , a pouco e pouco , o produto anômalo que as viola , afogando-o nas próprias fontes geradoras. O mulato despreza então , irresistivelmente , o negro e procura com uma tenacidade anciosissima cruzamentos que apaguem na sua prole o estigma da fronte escurecida ; o mameluco faz-se o bandeirante inexorável , precipitando-se , ferozmente , sobre as cabildas aterradas...

Esta tendência é expressiva. Reata , de algum modo , a serie continua da evolução , que a mestiçagem partira. A raça superior torna-se o objetivo remoto para onde tendem os mestiços deprimidos e estes , procurando-a , obedecem ao próprio instinto da conservação e da defesa. É que são invioláveis as leis do desenvolvimento das espécies ; e se toda a subtileza dos missionários tem sido impotente para afeiçoar o espirito do selvagem ás mais simples concepções de um estado mental superior ; se não ha esforços que consigam do africano , entregue á solicitude dos melhores mestres , o aproximar-se sequer do nível intelectual médio do indo-europeu - porque todo homem é antes de tudo uma integração de esforços da raça a que pertence e o seu cérebro uma herança, - como compreendesse a normalidade do tipo antropológico que aparece , de improviso , enfiando tendências tão opostas?"

Hoje sabemos que esta espécie de teoria racista não é, de maneira alguma, correta e deriva de interpretações equivocadas da teoria de Darwin do evolucionismo e muitas vezes de teorias criadas especialmente para justificar estruturas de dominação fundamentadas na etnia dos povos em questão , e dentre estas destaca-se a de Gumpowicz, muito utilizada por Euclides da Cunha, na qual inevitavelmente há um esmagamento das raças fracas pelas raças fortes.

Como muito bem ressaltado por Nicolau Sevckenko no seu livro *Literatura como missão*⁶, este conceito de raças foi "uma criação da ciência oficial das metrópoles

européias e atuou com o suporte principal para a legitimação de suas políticas de nacionalismo interior e expansionismo externo”⁷.

Esta criação da ciência oficial destas metrópoles européias certamente também atuou no Brasil para legitimar o envio de tropas republicanas para exterminar os residentes de Canudos que ousavam se opor à autoridade da República.

II. Antônio Conselheiro

Escrever sobre este homem misterioso , carismático e decidido , dotado de liderança e ascendência sobre o povo sertanejo , o qual muitas vezes caminhava grandes distâncias para ouvir suas prédicas e pedir conselhos , é tarefa extremamente complicada e desgastante uma vez que alguns o julgam insano , fanático e líder se jagunços (entre estes destaca-se Euclides da Cunha) enquanto outros mais ponderados e sensatos o classificam como líder religioso sertanejo , homem culto e eloqüente e talvez até revolucionário , em função de sua notável insubmissão em relação à República e ao modo de dominação injusta exercida pelos grandes latifundiários e coronéis sobre o povo humilde do sertão .

Adentrar portanto nas diversas caracterizações históricas a respeito de Antônio Vicente Mendes Maciel implica forçosamente na necessidade da desconstrução sistemática das cargas valorativas imprimidas nas interpretações históricas e também na necessidade de estabelecimento de critérios para a seleção de informações concernentes à sua imagem e biografia , uma vez que os dados e as interpretações fornecidas pelos historiadores muitas vezes não são unívocos . No caso presente o critério utilizado foi a aceitação de dados mediante o cruzamento de informações provenientes de diversas fontes e de diversos autores , sendo que somente através deste processo de cotejamento pode-se obter razoável confiabilidade factual .

Foi exatamente através deste processo mencionado que as distorções de sua imagem e da comunidade de Canudos produzida por autores da época , estimuladas principalmente pelo tenso clima político vigente e pela necessidade de justificação oficial quando da época do embate a tamanha mobilização de forças terrestres , puderam ser desmascaradas e a imagem de Canudos e Antônio Conselheiro paulatinamente foram sendo restituídas à veracidade histórica que hoje já se encontra razoavelmente estabelecida , principalmente em função de trabalhos de diversos historiadores que tiveram a coragem de romper com a visão estabelecida pelos vencedores , adotando uma atitude iconoclasta para o tratamento desta questão espinhosa e sensível para muitos (Guerra no sertão , degola dos canudenses após sua rendição , empastelamento dos jornais que defendiam a monarquia , etc) .

Antônio Vicente Mendes Maciel

Antônio Vicente Mendes Maciel nasceu no dia 13 de março de 1830 em Santo Antônio de Quixeramobim⁸, filho do vaqueiro e posteriormente comerciante de Quixeramobim Vicente Mendes Maciel e Maria Joaquina de Jesus; Vicente era membro do clã dos Maciéis que nesta época encontrava-se em feroz luta de famílias com Araújo, outra família tradicional do Ceará, os quais haviam acusado o Maciéis de cometerem roubos em sua propriedade, porém como asserta Edmundo Moniz⁹ "Esta acusação infundada e falsa, não passava de pretexto para expulsar da região os Maciéis", ou seja, naquela época as famílias detentoras de terras, ricas e poderosas, muitas vezes faziam a justiça com as próprias mãos, ou através de assassinos contratados, certos da impunidade advinda da conivência das autoridades locais. Estes conflitos representavam a disputa pelo poder político derivado da posse da terra, sendo que amiúde os grandes proprietários expulsavam os donos de pequenas propriedades, muitas vezes matando-os, e englobavam suas terras ampliando ainda mais sua hegemonia sobre a região.

A luta entre os Araújo e os Maciéis teve início em 1833 e embora Vicente fosse membro do clã dos Maciéis, este preferiu distanciar-se do violento conflito juntamente com sua família e estabelecer-se como comerciante na praça de Quixeramobim, o melhor ponto de comércio da cidade, chegando a construir várias "boas casas" nesta localidade.

Antônio Vicente ficou órfão de mãe aos seis anos de idade juntamente com suas duas irmãs ainda menores, Francisca e Maria. Após um período de dezessete meses de viuvez Vicente casou-se novamente, desta vez com Francisca Maria da Conceição, que segundo vários autores não poupava maus-tratos ao garoto Antônio e suas irmãs, sobretudo quando brigava com o marido. Francisca, mulher autoritária e severa, havia instituído uma rígida disciplina religiosa que deveria ser observada dentro de casa. Dentro deste segundo matrimônio nasceram mais duas irmãs, Dorotéia e Rufina, as quais tinham o privilégio de não ter o mesmo tratamento severo que Francisca dispensava aos enteados, filhos do primeiro casamento de Vicente.

Antônio provavelmente ressentira-se muito com a morte de sua mãe, e devia guardar tristes recordações do tempo em que foi submetido aos maus-tratos da madrasta, ainda na idade de tenra infância.

Vicente ainda tentou internar o rapaz no seminário, almejando para seu filho primogênito a carreira sacerdotal, porém Antônio negou a oferta e preferiu permanecer em sua cidade e estudar ali mesmo, apesar da raiva com que sua madrasta o tratava; ele havia aprendido a ler e escrever com o pai do capitão Raimundo Francisco das Chagas e posteriormente ingressou na escola do Professor Manuel Antônio Ferreira Nobre, onde

iria a aprender aritmética , francês , geografia , latim e português . É importante notar que na biografia de Antônio Conselheiro feita por Euclides da Cunha em *Os Sertões* , esta fase da sua vida é completamente omitida , não sendo mencionado em nenhum momento do livro a educação formal de Antônio Conselheiro , aliás estas omissões de pontos-chave da sua vida são recorrentes em sua obra , além da utilização de interpretações duvidosas do ponto de vista histórico em diversas outras passagens como ainda veremos adiante.

Segundo o historiador Edmundo Moniz " nesta época suas leituras preferidas eram o *Lunário perpétuo* , *A Princesa Magelona* , *As Guerras do Imperador Carlos Magno* e *Os Doze Pares de França* "10. João Brígido dos Santos foi seu colega de escola e confirma que " Antônio Vicente [...] , quando menino , teve certa cultura e começou estudos de latim "11 ; João Brígido tornou-se conhecido advogado , jornalista , escritor e polemista e escreveu um livro sobre a disputa de famílias no Ceará , no qual consta a disputa entre os Maciéis e os Araújo e também " restabeleceu a verdade sobre o passado de Antônio Conselheiro , totalmente deturpado pelo noticiário da imprensa , depois da Guerra de Canudos. "12

Antônio abandonou os estudos sem procurar um seminário , e passou a auxiliar seu pai em seu estabelecimento comercial como caixeiro .

Nesta época os negócios de Vicente já estavam decadentes em função de maus investimentos e também ao alcoolismo ao qual Vicente havia sucumbido .

Vicente faleceu a 5 de abril de 1855 , sendo que " os problemas financeiros da família se tinham agravado ainda mais devido a especulações irresponsáveis "13; Antônio Vicente assumiu os negócios do pai aos 25 anos , ficando responsável também pelas quatro irmãs mais jovens e pela sua madrasta .

As condições em que Antônio recebeu sua herança foram extremamente desfavoráveis , " já que a maioria [dos bens] destinava-se a cobrir as dívidas deixadas. Ele assumiu os negócios paternos tendo que lançar mão de uma hipoteca para cobrir os outros empréstimos . "14

Deve-se considerar também a crise na economia cearense devido às secas as quais exauriam as terras e as searas , e ainda geravam enormes fluxos migratórios de cearenses para outras paragens em busca de trabalho e alimentação¹⁵.

No ano seguinte morre sua madrasta , aos trinta e nove anos , sofrendo de alienação mental. Antônio responsabilizou-se pelo casamento das quatro irmãs e somente depois foi contrair matrimônio em 1857 , aos vinte e sete anos , com uma prima chamada Brasilina Laurentina de Lima , filha da irmã de seu pai , Francisca Maciel , parente famosa pela combatividade que havia apresentado no conflito com os Araújo .

Foi infeliz no casamento pois constantemente indispunha-se com a sogra , dona de uma língua ferina , que freqüentemente açulava a filha contra ele , o que levava o casal a constantes desentendimentos e consternações .

Em 1859 liquidou os negócios vendendo o restante das posses que ainda lhe sobrara e criou uma pequena escola na Fazenda Tigre , próxima de Quixeramobim , onde lecionava português , aritmética , geometria e conhecimentos gerais . Novamente aqui verifica-se a omissão desta informação concernente à sua carga cultural no livro de Euclides , uma vez que ao se evidenciar o embasamento cultural de Antônio Vicente algumas de suas asserções pareceriam verdadeiras quimeras grotescas , dissociadas completamente da realidade e de fato adquirindo contornos de mistificação.

Abandonando a fazenda Tigre , mudou-se para Tamboril , onde trabalhou como balconista de uma loja , abrindo em seguida sua própria loja de secos e logo depois uma filial em Campo Grande , entretanto ambas foram à falência.

Antônio também trabalhou como caixa numa loja de propriedade do major Domingos Sabóia , um coronel-comerciante na cidade de Campo Grande .

Como vimos anteriormente , a economia do Ceará encontrava-se em crise em decorrência da severa estiagem a que a região foi submetida , o que explica em parte a constante troca de empregos e de cidades realizada por Antônio Vicente Mendes Maciel que buscava , como tantos outros , a sua subsistência e a de sua mulher que , nesta época , já estava esperando o primeiro filho do casal .

A casa comercial em que trabalhava encerrou suas atividades , também em função da crise , e Antônio Vicente , utilizando-se de seu embasamento cultural , passou então a ganhar a vida como requerente ou solicitador no foro , atuando como rábula . Nesta época nasceu seu primeiro filho .

De Campo Grande mudou-se com a família para Ipu onde continuou a exercer a mesma profissão de requerente no foro desta cidade . Aí também nasceu seu segundo filho , em 1860 .

Em Ipu , Brasilina teve um caso com um furriel da milícia cearense (um tipo de soldado não-comissionado , de patente entre cabo e sargento) fugindo com ele . Após ter sido abandonado pela mulher , Antônio Vicente deixou seus filhos sob a guarda da mãe de Brasilina.

Deixou Ipu e retornou a Tamboril , onde novamente se dedicou ao magistério na fazenda Santo Amaro . Em Tamboril , no ano de 1861 , conheceu uma artesã , Joana Imaginária , e com ela passou então a viver e desta união nasceu um filho chamado Joaquim Aprígio.

De 1865 a 1871 , Antônio Vicente perambulou pelas redondezas de Quixeramobim , exercendo diversas atividades para sobreviver , até que em 1871 , um credor que havia acionado a justiça para receber uma quantia de 168\$268 , relativa a um empréstimo feito

em 1869 , ganhou a causa e a justiça condenou Antônio Vicente a pagar a quantia devida , acrescida de juros e das custas do processo. Todos os seus bens , que já não representavam uma grande quantia , foram penhorados para saldar a dívida , entre estes um relógio de prata , uma corrente de ouro para relógio , um colete , um chapéu , um paletó e alguns animais .

A transmutação de Antônio Vicente para Antônio Conselheiro

E desta maneira , sem emprego fixo , espoliado e abandonado pela mulher , Antônio Vicente deixou Quixeramobim e resolveu sair do Ceará .

Deu-se então o início da peregrinação de Antônio Conselheiro por toda a região do sertão do Nordeste . Envolto em um traje de índigo azul americano , deixou crescer sua barba grisalha e os cabelos , sobre os quais usava um chapéu de abas largas , e passou então a viver uma vida de asceta e beato , caminhando com o auxílio de um bastão , trazendo nas costas um surrão de couro no qual guardava apenas seus livros , papel e tinta . Em cada localidade por onde passava pregava aos sertanejos a respeito da necessidade de se praticar boas ações , sobre moral e bons costumes .

Estes seus modos começaram a lhe granjear fama , sendo que em 1874 a primeira notícia a seu respeito foi publicada no periódico *O Rabudo* , de Sergipe .

Além de fazer suas costumeiras prédicas e rezas , Antônio Conselheiro , com a anuência do cônego da paróquia , também organizou um esquema de mutirão entre os sertanejos seus seguidores para a restauração da igreja da Rainha dos Anjos e a construção de um cemitério .

A partir do momento em que sua fama começava a crescer , inicia-se também seu conflito com as autoridades , eclesiásticas e políticas , que culminariam na sangrenta Guerra de Canudos .

Antônio Conselheiro ao chegar a Itapicuru , em meados de 1874 , consegue que o cônego Agripino da Silva Borges , o qual era ligado ao partido Liberal , consinta em ceder uma casa abandonada para a realização das orações diárias , para aonde todos os dias afluem grande número de fiéis. Defronte à casa mencionada residia o delegado de polícia Boaventura da Silva Caldas , simpatizante do Partido Conservador , que resolveu por bem pôr fim àquela balbúrdia e expulsar os conselheiristas da cidade , e para tanto solicitou um destacamento policial para forçar sua retirada .

Os conselheiristas então não desejavam confrontar-se com as forças policiais requeridas pelo delegado exatamente para expulsá-los da cidade e , antes que o pior acontecesse , puseram-se em marcha a caminho de Sergipe . Mal sabiam eles que a intolerância das autoridades estava longe de ter fim e que , pelo contrário , tendia somente a avolumar-se na medida exata em que crescia o número de prosélitos de

Antônio Conselheiro e que sua fama de beato conselheiro espalhava-se pelos confins do sertão . Obviamente sua pregação atentava contra os interesses de muitos , os quais naturalmente não estavam dispostos a ficar assistindo passivamente a atuação de Antônio Conselheiro .

Os párocos eram instruídos a não permitirem a leigos a pregação em suas paróquias portanto muitas vezes Conselheiro era impedido de fazer suas pregações pelos párocos , e as autoridades governamentais e muitos poderosos coronéis por sua vez sentiam-se ameaçados por Antônio Conselheiro pois além de prédicas com conteúdo religioso e moral , Conselheiro proferia também discursos veementemente contra a injustiça que imperava no sertão onde a ordem social era baseada na posse da terra e onde os camponeses eram constantemente explorados pelos latifundiários e coronéis inescrupulosos . Devemos ter em mente que a passagem de Antônio Conselheiro pelos arraiais e vilarejos suscitava sempre uma grande afluência popular às suas prédicas em função de sua notável loquacidade e conhecimento da Bíblia , portanto seus discursos adquiriam , além do caráter religioso , também contornos políticos .

Não tardou muito e em maio de 1876 , em Missão da Saúde , Antônio Conselheiro foi preso , acusado de ser foragido da justiça no Ceará , onde teria supostamente assassinado sua mãe e sua mulher . Obviamente este foi o pretexto falacioso utilizado pelas autoridades para prendê-lo , pois como se averiguou posteriormente , não somente sua mãe havia morrido quando Antônio tinha 6 anos de idade , mas também sua mulher ainda se encontrava viva , sendo que jamais havia sido condenado pela justiça do Ceará de crime algum , muito menos era ele um foragido da justiça . Porém nada disto impediu que Antônio Conselheiro fosse preso , sem oferecer resistência , e enviado para Quixeramobim , sendo que foi duramente espancado e seviciado pelos policiais encarregados da escolta durante o longo percurso até a capital Salvador .

Enviado de Salvador até Fortaleza , foi apresentado pelo chefe de polícia da Bahia como sendo um fanático perigoso que suscitava grande intranquilidade na população ; consta em seu relatório enviado a seu colega de Fortaleza que Antônio Conselheiro ia "...embolsando os dinheiros com que , crédulos , iam lhe enchendo as algibeiras os seus fiéis , mandei-o buscar à capital , onde obstinadamente não quis responder ao interrogatório que lhe foi feito , como verá v.s. do auto junto . Era uma medida de ordem pública de que não devia eu prescindir . . . se porventura não é ele aí criminoso , peço em todo caso a v.s. que não perca de sobre ele as suas vistas , para que não volte a esta província , ao lugar referido , para onde sua volta trará certamente resultados desagradáveis , pela exaltação em que ficaram os espíritos dos fanáticos com a prisão de seu ídolo"¹⁶

Em 1 de agosto de 1876 o juiz de Direito de Quixeramobim , Alfredo Alves Mateus , ao constatar a improcedência da acusação , liberta Antônio Conselheiro .

Provavelmente esta injustiça que lhe havia sido cometida abriu uma profunda chaga em sua alma , aumentando ainda mais sua desconfiança em relação às autoridades .

Não obstante Antônio Conselheiro retornou à Bahia para se reencontrar com seus adeptos que fielmente o esperavam , para mais uma vez empreender-se na construção de obras necessárias às comunidades e para continuar suas pregações à revelia de quaisquer impedimentos que tentava-se-lhe impor.

De acordo com José Calasans , entre os anos de 1880 e 1892 Antônio Conselheiro e seus seguidores reformaram ou construíram nove igrejas e cinco cemitérios .

Antônio Conselheiro continuava sua vida de andarilho a caminhar pelos sertões do nordeste , acompanhado por seus prosélitos , auscultando os anseios e aspirações dos sertanejos , sendo solicitado a dar conselhos e mediar conflitos , fazendo suas pregações e rezas , organizando os fiéis para a construção de obras , enfim , foi passando por um longo e penoso processo de retemperagem no qual aprendia a compreender profundamente a angustiada alma sertaneja , e a partir deste aprendizado ia paulatinamente crescendo então a vontade de organizar uma comunidade onde ele pudesse se retirar com seus seguidores para fazer suas pregações sem ser perseguido e escorraçado , e afinal viver em paz , de acordo com suas interpretações dos ensinamentos da Bíblia , que certamente não se coadunavam com as atrozidades injustiças com os sertanejos cometidas pelas autoridades e coronéis com as quais ele se deparara ao longo de sua árdua peregrinação pelo sertão .

A comunidade a ser fundada deveria ser um refúgio a todos aqueles que se sentissem oprimidos , espoliados e injustiçados , assim como ele o fora , ou por coronéis latifundiários , ou por autoridades e cobradores de impostos , enfim , a comunidade tinha o intento de ser um porto-seguro para aqueles dispostos a escapar do jugo dos poderosos.

Edmundo Moniz afirma que Antônio Conselheiro teria se inspirado em Santo Agostinho e em Thomas More para fundar a comunidade , pois escreve o autor :

"Em suas *Prédicas* , citava os Evangelhos e os filósofos da Igreja , especialmente Santo Agostinho , autor da *Cidade de Deus*. Numa delas , Antonio Conselheiro relata que Thomas More não quis se submeter a Henrique VIII , de quem fora Chanceler-Mor , preferindo a morte , apesar dos rogos da esposa , a transigir com o rei quando este rompeu com o Papa criando a Igreja Anglicana . Se Antônio Conselheiro conhecia esta passagem da vida de Thomas More é porque lera , certamente , sua biografia . E qualquer biografia de Thomas More devia conter um resumo da *Utopia* . Tudo porém leva a crer que Antônio Conselheiro chegou a ler este livro , cuja influência é tão clara na obra que se propôs a realizar".¹⁷

Em 1892 várias forças policiais foram enviadas para prendê-lo novamente , após a instauração da República , uma com 35 praças , outra com um número desconhecido e outra com 80 praças , todas porém não tiveram sucesso e foram desbaratadas , pelos seguidores do Conselheiro . Consta que diferentemente do período da monarquia , quando Antônio Conselheiro se entregou sem resistência por acatar a legitimidade do governo , a República era por ele considerada usurpadora do poder do Monarca , sendo que por isso não aceitava ser levado pelas forças policiais enviadas para prendê-lo.

Devemos notar que novamente Antônio Conselheiro não havia cometido crime algum , pelo contrário havia beneficiado muitas comunidades com a construção de igrejas cemitérios e açudes , porém o que motivava esta ação policial na verdade era o temor das autoridades eclesiásticas , porquanto Conselheiro estava se tornando influente demais junto aos fiéis apesar de não arrogar para si nenhuma das atividades eclesiásticas formais como o batismo e casamento , e o temor das autoridades governamentais e grandes proprietários de terras que enxergavam no conteúdo de seus discursos proferidos para um grande número de pessoas , uma séria ameaça à perpetuação de seu domínio e à manutenção da ordem social injustamente estabelecida , que lhes era francamente favorável .

Em 1893 , em Bom Conselho , Antônio Conselheiro ordena a queima dos editais de cobrança de impostos publicada pelo governo Republicano . Imediatamente o Juiz de Direito Arlindo Leoni solicitou nova força policial para prender o Conselheiro ; esta foi enviada e novamente foi repelida em Masseté , sem alcançar seu intento . A partir daí Antônio Conselheiro sentiu a necessidade premente de fundar uma comunidade distante de pressões políticas onde ele pudesse , juntamente com seus seguidores , se assentar sem serem perseguidos .

III. Canudos

Em meados de 1893 , Antônio Conselheiro chegou a Canudos , uma velha fazenda abandonada , por onde já havia estado anteriormente , acompanhado de seus seguidores .

A localização da fazenda parecia ser conveniente uma vez que era de difícil acesso , o que era vantajoso pois já se previa a possibilidade de um futura invasão da comunidade pelas forças governamentais ou por forças organizadas pelos grandes proprietários , além de se localizar próxima ao rio Vaza-Barris ou Irapiranga , fato que tem importância muito grande para o estabelecimento de qualquer comunidade e que visa garantir o abastecimento de água , problema que surge principalmente numa região árida como a nordestina .

Ao chegar a Canudos Antônio Conselheiro imediatamente se lançou ao trabalho de reconstrução da igreja velha da fazenda , trabalho este a que já estava habituado , e também à construção das casas e palhoças para abrigar seus seguidores .

A comunidade foi por ele fundada com o nome de Belo Monte ; novamente recorrendo ao historiador Edmundo Moniz :

"Canudos iria transformar-se rapidamente numa das cidades mais povoadas da Bahia . Não poderia ser chamada de arraial . O crescimento era espantoso , construindo-se até doze casas por dia . Ao se espalhar a notícia de que Antônio Conselheiro fundara a comunidade de Belo Monte sob sua única direção , independente das autoridades eclesiásticas e civis , os sertões estremeçeram. "18

Como vimos então podemos inferir que a comunidade de Belo Monte realmente atendia aos anseios dos sertanejos , uma vez que a comunidade crescia a uma velocidade extremamente alta , sendo que as pessoas para lá se dirigiam de maneira espontânea movidas somente pela fama de Antônio Conselheiro e por aquilo que ele lhes prometia em suas prédicas .

A comunidade crescia porém de maneira relativamente organizada. Havia ruas que desembocavam na igreja central a rua da Professora , a rua da Caridade , a dos Caboclos , Campo Alegre , etc.

Antônio Conselheiro sendo ele próprio um ex-educador , dava grande importância à educação das crianças da comunidade , sendo que fundou duas escolas públicas e acompanhava de perto o aprendizado das crianças pois queria que elas aprendessem a ler , escrever e que adquirissem a educação que foi negada a seus pais .

A comunidade era praticamente auto-suficiente em termos de abastecimento , uma vez que havia cultivo de milho , feijão batata , arroz , melancia , melão , cana-de-açúcar e outros cultivos nas margens do rio Vaza-Barris.

A comunidade possuía ainda a criação de gado vacum , cavalariço , caprino e de aves .

A organização econômica era feita através da estrutura de cooperativas , sendo que havia também o comércio de produtos , especialmente o couro caprino , com regiões próximas com as quais se adquiria produtos necessários à comunidade e por eles não produzidos .

A comunidade estava crescendo e prosperando a um passo jamais visto por uma cidade do sertão sendo que para ela afluía diariamente grande leva de migrantes da região para se juntar à comunidade , porém este crescimento não tardaria a ser bruscamente interrompido pelo ataque suscitado por motivos diversos , entre estes pode-se arrolar o relatório preparado pelo frei capuchinho João Evangelista Monte Marciano , a não disposição de Antônio Conselheiro para o pagamento de impostos , uma vez que

deles não provinha benefício algum para os sertanejos , e também a não entrega de um carregamento de madeira para a construção da igreja nova , comprada em Juazeiro e paga adiantadamente e não recebida .

A visita de João Evangelista , um capuchinho italiano , teve o intento de dispersar as pessoas que lá estabeleceram moradia e a convencê-las a retornarem a seus lugares de origem , porém não obteve sucesso .

A respeito deste relatório escreve o historiador Marco Antonio Villa :

" Como o objetivo do relatório foi transformar Canudos num reduto que colocava em risco as instituições republicanas , subterfúgio utilizado pelo frei para impedir o crescimento do arraial e a proliferação pela região de outros movimentos religiosos que rompessem com a Igreja Romana - as tensões na zona do Cariri ,Ceará , ocorrem nesta época - a ênfase na defesa da ordem constitucional ameaçada por um movimento restaurador passou a ser o principal elemento de acusação ao peregrino "19

De fato o estopim que deflagrou o conflito foi mesmo o episódio da compra e subsequente não entrega do carregamento de madeira , uma vez que o Juiz de Direito da cidade Dr. Arlindo Leoni , antigo juiz de Bom Conselho e o mesmo juiz que havia pedido um destacamento quando da queima dos editais , determinou o confisco da madeira , aparentemente em desforra a um acontecimento ocorrido na cidade de Bom Conselho aonde há dois anos foi obrigado a deixar a cidade temporariamente devido à invasão da cidade por conselheiristas para impedir a prisão de um homem acusado de açoitara amante do Dr. Arlindo.

O importante , afinal , é que o episódio serviu de pretexto para o Sr. Arlindo Leoni pedir ao governador medidas imediatas para garantir a segurança da cidade de Juazeiro , pois segundo ele a cidade estava prestes a ser invadida por conselheiristas , que na verdade se dirigiam à cidade com o fito de buscar o carregamento de madeira que por direito lhes pertencia .

O início dos ataques

Foi enviado uma expedição com 113 praças a Juazeiro comandada pelo Tenente Manoel da Silva Pires Ferreira com a missão de resguardar a cidade de supostos ataques de conselheiristas . O Tenente permaneceu na cidade por cinco dias , e não havendo ataque algum decidiu então se encaminhar para Canudos com o intuito de surpreender os conselheiristas no caminho para Juazeiro.

Estacionando em Uauá , após marcha de cerca de 150 Km , a expedição encontrou na estrada uma procissão com cerca de 500 canudenses , os quais carregavam estandartes ,

bandeiras do Divino e imagens de santos , e sem sequer pedir explicações ou dar tiros de advertência a expedição repentinamente abriu fogo e começou a disparar contra os conselheiristas , que por sua vez reagiram como puderam com facões , pedras e espingardas velhas. A batalha durou cerca de 4 horas ; morreram cerca de 150 conselheiristas e 10 soldados . Diante da ferocidade dos canudenses e da falta de munições o Tenente decidiu bater em retirada.

Este foi o primeiro conflito de dos canudenses com tropas enviadas para acabar com a comunidade de Canudos e seu líder Antônio Conselheiro , a partir daí a beligerância cresceu em uma proporção geométrica nas três expedições que se seguiram .

A segunda expedição foi pesadamente armada e equipada e era comandada pelo major Febrônio de Brito , porém também não logrou destruir Canudos pois nem mesmo chegou a atingir a cidade , sofrendo emboscadas ao longo do caminho por guerrilhas de conselheiristas que conheciam a região e se utilizavam desta vantagem estratégica com grande habilidade. Grande parte dos materiais bélicos utilizados pelos canudenses provieram do que era recolhido das tropas vencidas .

A terceira expedição foi organizada frente ao assombro da derrota da segunda contendo 1300 homens , 6 canhões Krupp , munições e mantimentos , sob as ordens do Coronel Antônio Moreira César , famoso por sua ferocidade na luta contra os Federalistas no sul do país. Esta expedição alcançou Canudos e começou a bombardear a cidade , porém o comandante da expedição ao subestimar os canudenses optou por um ataque direto e foi morto durante um assalto à cidade. Sabendo da morte de seu comandante , muitos soldados começaram a debandar a frente de batalha que não havia progredido muito desde quando eles lá chegaram .

As notícias do desastre da terceira expedição e da morte do Coronel Moreira César causaram forte repercussão na imprensa , sendo que de uma hora para outra o conflito em Canudos adquiriu uma nova dimensão : de *fanáticos religiosos* passaram para *inimigos da República* .

A vitória da quarta expedição havia se tornado uma questão de honra para o exército e uma questão de segurança nacional para os Republicanos os quais incumbiram o General Artur Oscar de sair de Canudos vitorioso seja quais forem os custos em termos de vidas e equipamentos . Enfraquecidos pelos sucessivos ataques , Canudos resistia porém já não conseguia suportar a fúria de cerca de 4000 soldados , apoiados por forte esquema logístico de abastecimento e por forte artilharia. Mesmo assim os canudenses jamais alquebravam-se diante da fúria do exército republicano que rugia ferozmente nas fronteiras da cidade , arrostando as forças superiores em número e em equipamentos de guerra com a passionalidade característica de quem defende seu lar e sua família.

Favila Nunes correspondente de guerra de um jornal do Rio de Janeiro , ele mesmo um ex-militar , comenta a respeito dos constantes bombardeios feitos na cidade pela artilharia :

" Durante a noite foram lançadas noventa bombas de dinamite cujo efeito foi esplêndido , maravilhoso , causando ao inimigo enormes perdas . Uma delas caiu em um hospital ateando-se violento incêndio.

...

Mas isto era preciso , porque os jagunços são de uma atrocidade feroz , inaudita ..."

e Favila Nunes continua comentando , já nos últimos momentos da batalha , quando então os últimos combatentes de Canudos que se refugiavam em uma pequena região do centro da cidade se encontravam completamente cercados , eram queimados vivos por ordem do General Artur Oscar :

" E o incêndio lavrava desesperado e violento , devorando com suas labaredas , casas , homens , mulheres e crianças , nada poupando , nada respeitando. O fétido nauseabundo da carne humana em cremação era insuportável para quem estava , como nós , a 20 metros de distância ".

E a ironia que forçosamente se impõe a quem lê estas linhas é que este jornalista que estava relatando a queimada dos moradores de Canudos e de suas casas com tamanha frieza e distanciamento estava representando aquilo que então se chamava "modernidade" contra os "bárbaros" de Canudos !

IV. Racismo e Pseudo-ciência

Ainda hoje permanecem algumas teorias pseudo-científicas do tipo das explicitadas por Gumpowicz , como por exemplo a teoria defendida no livro *The bell curve*, que suscitou muita polêmica ao ser lançado nos Estados Unidos, por empregar técnicas estatísticas para tentar estabelecer provas concretas a respeito da superioridade intelectual dos brancos e asiáticos e inferioridade dos negros e hispânicos, utilizando-se para isso de testes padronizados de QI.

Cabe aqui dizer que este livro foi parcialmente financiado por fundações ligadas a movimentos racistas e do "White Power" e, desta forma, não está completamente livre de tendências que comprometem a idoneidade das informações contidas na pesquisa.

O fato é que apesar de a Estatística ser uma ciência fundamentalmente exata e, desta forma, ser considerada uma ferramenta fria e objetiva utilizada pelos mais diversos ramos do conhecimento para estabelecer relações entre causa e efeito assim como , a partir de

uma amostra significativa, inferir a respeito de uma população qualquer, mesmo assim devemos ter em mente que ela atua em diversas etapas até finalmente chegar efetivamente à etapa de tratamento puramente matemático.

Assim, há a etapa fundamental de determinação dos parâmetros, que são as diversas categorias em que a população que está sendo alvo da pesquisa pode ser categorizada.

Especificamente no caso do *The bell curve* os parâmetros serão as diversas raças classificadas e os resultados de seus testes de Q.I., já que o que se esperava provar era a causalidade entre raça e inteligência.

Há também a etapa de determinação da metodologia e dos parâmetros teóricos com os quais a pesquisa se propõe a atingir o escopo visado.

Já neste ponto podemos levantar questões a respeito do procedimento utilizado pelos autores do livro. Por exemplo, a categoria de hispânicos é tratada à parte daquela dos brancos, porém sabemos que os países ditos hispânicos, como tiveram colonização espanhola, foram alvos de caldeamento com o povo espanhol, primordialmente considerados como brancos, além da participação étnica do povo originário destas civilizações colonizadas.

As questões são: o que podemos considerar como raça hispânica? Aqueles provenientes dos países de colonização espanhola? Mesmo que sua etnia constituinte tenha fortes traços de predominância branca, como por exemplo os povos argentino e uruguaio?

A etapa seguinte de uma pesquisa estatística constitui-se na obtenção dos dados, e é nesta fase que todo o processo torna-se mais vulnerável, uma vez que dados coletados erroneamente, sem critério, ou ainda dados inescrupulosamente manipulados e falseados terão a consequência de lograr aqueles que consideram os dados fornecidos por uma pesquisa estatística absolutamente verossímeis e impassíveis de erros, uma vez que o tratamento dos dados colhidos é puramente matemático.

Desta forma, neste caso específico do livro *The bell curve*, a fase de coleta de dados peca por não levar em consideração a condição social dos sujeitos da pesquisa, uma vez que em decorrência do preconceito secular sofrido pelos negros e hispânicos na América, sua condição social e, conseqüentemente, suas perspectivas de ascensão e de obtenção de educação foram sensivelmente degradadas, em contraste com a condição da população branca que, por ser maioria e por sempre ter sido considerada como "superior", é menos passível de sofrer discriminação.

Assim, podemos afirmar que o resultado da pesquisa seria sensivelmente diferente no caso de os negros utilizados como amostra da população representada na pesquisa fossem universitários norte-americanos (provenientes da classe média) e a amostra de brancos fosse constituída por poloneses, ou albaneses, que por condições diversas não

tiveram acesso a estudos superiores ou a qualquer tipo de educação em seus países de origem.

Conseqüentemente, podemos inferir que o fator primordial para a determinação na inteligência não é a etnia a que uma pessoa pertença , mas a condição que lhe é dada para seu desenvolvimento social e intelectual adequado, porém por sua vez estas condições de desenvolvimento são fortemente determinadas por condições históricas a que certos grupos étnicos tiveram que se submeter, como é o caso da escravidão dos negros na América e do domínio exercido pelas metrópoles européias sobre as colônias americanas, africanas e asiáticas, que tiveram como conseqüência fatal um atraso no desenvolvimento destes povos.

É sabido que o racismo e o preconceito não é uma exclusividade brasileira.

Ao longo do desenrolar da história do mundo somos capazes de detectar inúmeros casos de exclusão de povos do convívio natural com outros , existindo como base para tal comportamento unicamente a questão racial , questão esta que se formos analisá-la mais profundamente encontraremos razões culturais e psicológicas .

É natural termos medo do desconhecido e daquilo que difere da maneira a que já nos acostumamos , e portanto daquilo que já nos é familiar . Assim o surgimento de elementos novos em uma comunidade é algo que é encarado com certa dose de temor e apreensão por aqueles já residentes nesta comunidade.

Este fato evidencia-se ainda mais quando os elementos “outsiders” não possuem características consoantes com o restante da comunidade como por exemplo : religião diferente , idioma diferente , etnia diferente , enfim , características que evidenciam que este novo elemento provém de um ambiente cultural e socialmente diverso .

Neste contexto as pessoas pertencentes às comunidades originárias desenvolvem um natural mecanismo de defesa contra tudo aquilo que pode lhes apresentar ameaças ao seu modo de vida conhecido proveniente de outras comunidades ou elementos diferentes e , conseqüentemente , fecham-se em si mesmas para protegerem-se .

O fato é que dependendo do nível de intolerância das pessoas extrapola-se o ponto de convivência separada , porém pacífica entre as comunidades , e adentramos em movimentos coletivos de opressão e violência como foi o caso do nazismo na Alemanha , do apartheid na África do Sul , citando apenas dois casos dentre os mais dramáticos e recentes que utilizando-se de ideologias racistas impuseram seu domínio de maneira nefasta .

- Sistemas pseudo-científicos que asseveram a existência de raças “superiores” e raças “inferiores” buscam estruturação em alicerces racionais para algo fundamentalmente cultural que é o preconceito para legitimar , em última instância , uma ordem social baseada na etnia das classes .

V. Ideologia

O estudo da ideologia torna-se pertinente para esta pesquisa na medida em que este conceito nos auxiliará a compreender melhor como a ideologia atua para alicerçar a relação entre as classes sociais .

Antes de tudo devemos tentar definir , mesmo que sumariamente , o conceito de ideologia para , posteriormente , prosseguirmos com a discussão de como a ideologia pode ser transmitida através dos Aparelhos Ideológicos do Estado (A.I.E.) ; quem são aqueles que detêm o poder sobre estes aparelhos ; e especificamente como estes aparelhos atuaram no episódio da guerra de Canudos para de alguma forma estabelecer fundamentação para a ação do governo republicano de exterminar uma comunidade inteira , fato este que representou uma convulsão social sem precedentes na história brasileira .

A ideologia é um conjunto de idéias , valores e representações do mundo de que nos valemos para orientarmo-nos em relação à , por exemplo , que atitude concreta tomar em determinada situação , a que concepções políticas adotaremos e apoiaremos , etc , enfim a ideologia define nossa própria concepção da realidade que nos cerca e da maneira que inserimo-nos a ela na sociedade (nosso “papel social”).

Segundo Karl Marx em *A Ideologia Alemã* , a ideologia , por fazer parte do mundo das idéias , é concebida como pura ilusão , puro sonho , assemelhando-se ao conceito aceito pelos psicólogos anteriores a Freud . Para estes o sonho era um “imaginário vazio e nulo , construído a partir de resíduos da realidade cheia e positiva , a do dia”. Toda sua realidade estabelece-se , portanto , fora de si própria .

Deparamo-nos agora com uma proposição paradoxal a respeito da ideologia .

A ideologia não tem história , uma vez que provém da mente , conseqüentemente possui uma ligação orgânica com o mundo das idéias e dos sonhos e , por sua vez , os sonhos são produtos do inconsciente que , segundo Freud , é eterno , isto é , transcende a toda a história .

Por outro lado , as ideologias tem uma história própria , no sentido em que as ideologias , como sistemas de valores próprios a cada classe social , acompanham estas através do desenvolvimento histórico deflagrado pela luta de classes através dos tempos.

Mesmo que sua existência esteja fora de si própria , ela resplandece ao mundo através de ações e atitudes concretas tomadas pelos próprios agentes da história e desta forma a ideologia , seja ela política , moral , filosófica , religiosa , jurídica , etc , adquire materialidade e , portanto , adquire história própria .

O escritor Louis Althusser no seu livro *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado* define que “não são as condições de existência reais, o seu mundo real , que os homens se representam na ideologia , mas é a relação dos homens com estas condições

de existência que lhes é representada na ideologia²⁰, com esta proposição Althusser retoma a idéia de Feuerbach de que os homens fazem uma representação alienada (= imaginária) das suas condições de existência porque , fundamentalmente , estas próprias condições de existência são em si alienantes .

A ideologia ao agir constitui **sujeitos** , ou seja , uma ideologia , pelo fato de somente adquirir existência material própria na medida em que inculca crenças , representações e que produz atos concretos , deve atingir a consciência dos indivíduos , que passam então a aceitá-la como verdadeira , para desta forma passarem a agir de acordo com este sistema de valores transformando-se então em sujeitos da ideologia .

Neste contexto depreendemos que todos nós somos sujeitos da ideologia , uma vez que agimos de acordo com o que acreditamos ser correto e fundamentamo-nos para isto no julgamento da nossa consciência , que por sua vez é o escopo primordial da ação da ideologia .

Destes fatos acima expostos releva-se a importância dos meios em que ocorrem a propagação e a transmissão de determinada ideologia , uma vez que quanto maior seja seu número de sujeitos , maior será também seu poder de impacto na sociedade em função do poderio magnificado da ação conjunta dos sujeitos aglomerados tendo como diretriz a ideologia prevalescente entre eles .

Nesta discussão evidencia-se que aquele (individualmente) ou aqueles (coletivamente) que controlam os meios em que se verifica a propagação ideológica dispõem de um poderoso instrumento para modelagem da opinião e controle sobre as consciências dos indivíduos , uma vez que toda espécie de concepções , dados e informações que nos valem para concebermos um julgamento a respeito de qualquer situação apresentada , e que utilizamos como diretriz de ação , é proveniente não só da nossa experiência pessoal (muitas vezes alienada) , mas principalmente de organizações as quais nos referiremos como Aparelhos Ideológicos do Estado.

Indivíduos galvanizados em torno de um mesmo ideal , de interesses comuns , enfim , em torno de uma ideologia predominante neste grupo social (normalmente de acordo com suas condições materiais de existência e com sua função semelhante na cadeia produtiva inferimos que são provenientes de uma mesma classe social) , são muito mais capazes de organizarem-se para efetivamente conseguir defender seu espaço na sociedade do que aqueles que se encontram separados , incôscios da existência de indivíduos em condições semelhantes às suas , e que por isso perdem o poder que a união proporciona .

Advém desta identificação ideológica a extrema força combativa e poder de resistência encontrada nos canudenses. Praticamente todos os membros daquela comunidade eram provenientes da classe camponesa (apesar de ter existido pequenos proprietários de terras e comerciantes entre eles) que espontaneamente dirigiam-se para

Canudos , em parte em decorrência da liderança religiosa exercida por Antônio Conselheiro sobre os sertanejos , mas principalmente pelo fato de eles vislumbrarem , em Canudos , esperanças de integração em uma comunidade que lhes garantiria trabalho , sobrevivência , a educação de seus filhos e , acima de tudo , oportunidades de libertação de um sistema social opressor em que a posse da terra era praticamente monopolizada pelas oligarquias , aristocracias rurais e coronéis que detinham todo o poder , inclusive político , em suas mãos .

Para elucidar esta questão da terra destacamos um trecho do livro *Canudos , o povo da terra* , do historiador Marco Antônio Villa (pag.124 e 125):

“ Por outro lado , a propriedade da terra era uma das questões que mais preocupavam a oligarquia. A terra , mais do que valor econômico , era a representação concreta do poder do oligarca. Graças a este domínio era possível arrematar eleitores , elemento fundamental para afirmar a liderança política . A República , ao introduzir na cena política o sertanejo , transferia as tensões eleitorais também para o campo. Para manter atrelado o voto do sertanejo aos interesses coronelísticos era essencial impedir o livre acesso à terra.

Desde 1889 , os governadores baianos insistiam na necessidade de nova lei que regulamentasse as vendas das terras públicas , mas somente em 1895 foi promulgada a Lei n. 86 , que tratava de terras devolutas.

...

Dois anos depois , houve nova lei sobre terras devolutas, a Lei n. 198 , de 21 de agosto de 1897 , no momento mais intenso da guerra contra Canudos. Era uma lei mais restritiva , pois considerava terras devolutas aquelas que não tivessem título legal e aquelas que não fossem legalizadas em tempo hábil .

...

É evidente que estas leis não só impediam o acesso às terras como dificultavam ao máximo a legalização das posses dos sertanejos , principalmente quando a maioria deles não possuía títulos ou documento legal que pudesse ser reconhecido pela justiça. Aos obstáculos , deviam ser acrescidos o complexo funcionamento do Poder Judiciário , o elevado custo para ingressar em juízo , as dificuldades de comunicação que impediam o conhecimento da lei e o registro em tempo hábil , além da venalidade da justiça . Duas leis de terra em período tão curto representam um claro indicio de não só impedir o acesso à terra a novos interessados , como também legalizar as propriedades dos latifundiários , que ampliavam os seus domínios apropriando-se de terras públicas e daquelas ocupadas por índios e sertanejos , sedimentando um poder , para alguns , recém-conquistado.

Os camponeses do sertão não tinham assistência alguma por parte das autoridades ; nem terra , nem educação (80% da população da região naquela época era analfabeta) , nem saúde ou coisa alguma . Do governo os sertanejos somente conheciam , por certo , os cobradores de impostos , pois que estes não poderiam deixar de existir uma vez que a arrecadação de impostos constitui-se no mecanismo dos governos que financeiramente garante a manutenção de todo o aparato do Estado.

VI. Aparelhos Ideológicos do Estado (A.I.E.)

Os aparelhos ideológicos do Estado são instituições com funções especializadas cujas atuações porém não são excludentes umas às outras, pelo contrário , apesar de sua diversidade , complementam-se e completam-se de maneira a conferir-lhes uma unidade orgânica que usualmente atua em conjunto na transmissão da ideologia prevalecente adotada pela camada social detentora do poder do Estado . Uma vez que estes aparelhos ideológicos propagam através de suas instituições o que podemos conceber como “ideologia oficial” , são utilizados pelos detentores do poder de Estado para estabelecer bases ideológicas que possibilitem a aceitação de seu domínio pelas classes dominadas .

As instituições constituintes deste todo orgânico chamado Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) são de origem privada , isto é , não pertencem à esfera pública , porém guardam proximidade ideológica e de interesses com os representantes formais do poder público , muitas vezes prestando apoio financeiro , político e logístico para sua eleição .

Desta análise podemos ainda inferir que quando não mais houver tal identificação , ou seja , quando os responsáveis pelo Aparelhos Ideológicos do Estado não mais solidarizarem com as propostas dos detentores do poder do Estado , os próprios alicerces ideológicos do governo estabelecido começarão a sofrer sérios ataques por parte dos AIE's , podendo vir a causar a própria queda deste governo com a subsequente substituição por outro que atenda melhor aos interesses da classe dominante , pois como vimos , segundo Marx o Estado e seus aparelhos repressivos nada mais são que o meio que a classe dominante encontrou para revestir sua ação opressora na luta de classes atrás da égide de legalidade estatal .

Como assevera Louis Althusser “ . . . nenhuma classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos do Estado.”²¹

Estes “interesses” a que nos referimos correspondem à possibilidade que uma classe social tem de ampliar o espaço que ela ocupa na sociedade ou ainda a necessidade de defendê-lo das ameaças provenientes de outras classes .

Esta luta pelo espaço na sociedade entre suas duas camadas fundamentais , a de capitalistas e a de trabalhadores , a de dominantes e de dominados , corresponde à luta de classes .

Podemos classificar os Aparelhos Ideológicos do Estado como as instituições seguintes :

- AIE escolar (sistema de escolas públicas e privadas , universidades, institutos de ensino técnico , etc)
- AIE religioso (o sistema das diferentes igrejas)
- AIE familiar
- AIE jurídico (os tribunais , foros , etc)
- AIE político (o sistema político constituído pelos diferentes partidos , o Senado , o Congresso , as Câmaras municipais , etc)
- AIE sindical
- AIE da informação (imprensa , rádio , televisão , etc)
- AIE cultural (Letras , Artes , esportes , etc)

Tanto os AIE como os aparelhos repressivos do Estado atuam simultaneamente pela *ideologia* e pela *violência* (às vezes física , às vezes administrativa) .

A diferença entre os AIE e os aparelhos repressivos do Estado consiste em que , apesar de ambos estarem unificados em torno de uma mesma ideologia dominante , os AIE funcionam de forma prevalescente pela *ideologia* , enquanto os aparelhos repressivos do Estado atuam de forma predominante pela *repressão* .

VII. Reprodução das condições de produção

Trataremos agora da questão da reprodução das condições de produção .

É fato largamente conhecido pelos economistas e administradores que qualquer tipo de processo produtivo necessita de constante realimentação , seja de matérias-primas ou de máquinas , reposição de funcionários , construção de instalações , etc , a fim de continuar produzindo regularmente os produtos que tal processo gera , ou seja , deve-se constantemente realizar a reprodução das condições de produção para que o ciclo produtivo não se esgote .

Estas condições de produção a serem reproduzidas subdividem-se basicamente em forças produtivas (meios de produção e força de trabalho) e relações de produção existentes .

Existe copiosa literatura a respeito desta questão econômica , desde autores como Marx em *O Capital* e Quesnay até Keynes e os economistas macro-econômicos , e não constitui-se o escopo deste relatório a descrição detalhada destes detalhes econômicos ,

ateremo-nos portanto à questão humana de reprodução das relações de produção e da força de trabalho .

A reprodução da força de trabalho deve ser realizada de maneira tal que não apenas haja a reprodução da qualificação técnica necessária para a perpetuação do ciclo produtivo , o "savoir-faire" em si , mas sobretudo as regras que se deve observar , sendo estas ideologicamente determinadas , para a manutenção do *status quo* estabelecido entre os detentores do capital e os detentores da força de trabalho .

Desta forma faz-se imperioso para a classe dominante assegurar , através dos Aparelhos Ideológicos do Estado , a sujeição pela classe dos dominados à ideologia que favoreça a classe dominante .

Isto significa , na prática , que aquilo que aprendemos , lemos , e assistimos (informações provenientes dos AIE) está largamente impregnado de valores e paradigmas que apregoam que o sistema de produção capitalista estabelecido é o melhor ; que a divisão social existente é algo natural e absolutamente normal ; que a injustiça social que vivenciamos é algo a que devemos nos resignar e aceitar pois não está em nossas mãos a capacidade de alterar tal quadro social , em suma , conceitos que visam a perpetuação de uma situação em que aqueles que detêm o poder e a riqueza devam permanecer assim e a aqueles que pouco ou nada têm devam trabalhar mais arduamente (gerando adicional *mais-valia* para os donos do capital) para elevar sua condição social.

A elevação da condição é algo na prática não de todo impossível , porém extremamente difícil , ainda mais no Brasil , devido às barreiras sociais (discriminação) , morais (preconceito) e até mesmo jurídicas erigidas para frear tal ascensão , uma vez que do ponto de vista da classe dominante não é promissora a perspectiva de elevação à sua condição de alguém proveniente de classes sociais inferiores , principalmente de alguém racialmente destoaante proveniente de povos que têm sido marginalizados e oprimidos ao longo da história .

Provêm daí as teorias racistas pseudo-científicas que apregoam a existência de hierarquia entre as raças para justificar um aparato opressor , transformando a questão racial em uma questão de poder e de sua manutenção por parte de grupos específicos.

VIII. Teoria do Estado

Existem inúmeras concepções de Estado . Podem elas ser descrições do ponto de vista sociológico , histórico , político , jurídico , etc .

O presente capítulo se aterá às definições de Estado sob o prisma sociológico, sendo que a respeito desta questão nos debruçaremos especialmente sobre a obra de dois autores em particular , Max Weber , que nos traçará um quadro do Estado do ponto de

vista do funcionamento e organização deste Estado e de seus aparatos , e a de Karl Marx que tenderá a abordar a questão do Estado sob o ponto de vista social e político. Esta centralização teórica em volta da obra destes dois grandes cientistas sociais e pensadores não é feita por acaso , explica-se em parte pela proximidade cronológica entre a formulação de suas análises sobre o Estado Moderno e a implantação da forma de governo Republicana no Brasil , e em parte em função da diferença de abordagem e de posicionamento frente à complexa questão da formação , legitimação e manutenção do Estado moderno que se verifica entre estes dois autores. Esta situação teórica nos possibilita um fértil cotejamento entre perspectivas diversas e que acaba por enriquecer , de uma maneira dialética , a discussão a respeito da validade e da necessidade da guerra de Canudos para a consubstanciação do poder da República no Brasil .

Perspectiva Weberiana

De acordo com Reinhard Bendix em seu livro *Max Weber, um perfil intelectual* ²², para Max Weber o Estado Moderno possui , para sua configuração como tal , de certos apanágios intrínsecos a esta condição que são :

"1) A existência de uma ordem administrativa e jurídica estabelecida através da prática legislativa , sujeita a alterações e renovações de acordo com a promulgação de normas que regulamentem as ações do governo .

2) A existência de um aparelho administrativo responsável pela condução dos assuntos oficiais de acordo com a regulamentação acima mencionada .

3) O Estado Moderno deve possuir a autoridade com poder sobre todas as pessoas - as quais normalmente obtêm a cidadania ao nascer - e sobre grande parte das ações destas pessoas que forem gerar efeitos sobre a área de jurisdição destes Estados .

4) O Estado deve ter legitimação para usar a força dentro de sua área , uma vez que a coerção seja permitida por algum estatuto promulgado ."

Na visão de Max Weber , portanto , a ordem legal , a burocracia do Estado , a jurisdição compulsória sobre determinado território e sobre determinado povo e o monopólio do uso legítimo da força são as características inerentes a qualquer Estado Moderno .

A legitimação do domínio sobre o poder de Estado se dá , para Weber , na observância de estatutos promulgados , e por sua vez estas leis são legítimas se tiverem sua promulgação realizada de forma processualmente correta .

Vemos que este conceito de legitimidade dado por Weber exclui do cerne de sua discussão a luta pelo poder de Estado , uma vez que pressupõe que aquela classe social ,

ou aquela facção política que consiga obter o poder de Estado e impor seu domínio sobre as demais emitindo normas de caráter jurídico e exigindo o cumprimento destas normas , seja valendo-se da força ou através da fundamentação de seu poder estabelecendo a certeza de validade ideológica de seu domínio , estará sendo considerada pela doutrina weberiana , e de maneira geral , ao estendermos o campo de alcance do funcionamento deste processo , também pelos profissionais do direito adeptos do *direito positivo* , e também , a reboque , o povo , como legítimos detentores do poder.

O que verifica-se comumente é que o povo propriamente dito , a parcela mais significativa da população nacional em termos percentuais , ainda hoje amiúde fica distante de grandes decisões políticas dos governos , além de ter pouca participação ativa na gestão das administrações eleitas ou no poder .

Perspectiva de Marx

Neste trabalho abordaremos também , conforme já foi colocado anteriormente, a visão do Estado segundo Karl Marx , em face de o tema estudado tratar-se de uma guerra e , em última instância , a uma repressão violenta por parte da autoridade recém-constituída a um movimento supostamente sedicioso e subversivo .

Em escritos como *O manifesto comunista* e o *18 de Brumário* , Marx define o Estado como aquele organismo detentor do “aparelho repressivo”, ou seja , o Estado detém o monopólio da utilização da força em condições que auto-estabelece (os poderes Legislativo e Judiciário fazem parte do Estado) como juridicamente legais , uma vez que os sistemas de governo modernos fundamentam suas ações em leis e normas jurídicas .

O aparelho do Estado, segundo Marx , compreende a administração , os tribunais , que através da prática jurídica constituem-se em pré-condição para a utilização legal dos demais componentes do aparelho repressivo do Estado , as polícias (polícia militar , polícia civil , guarda municipal) , as penitenciárias e também o exército . Modernamente podemos incluir neste aparato de coersão todas as organizações concernentes ao *poder de polícia administrativa* , conceito jurídico que significa a capacidade que tem o governo de restringir o uso e gozo de bens , atividades e direitos individuais através de sanções , multas , interdições e outros meios .

A teoria de Marx apregoa que tal aparato repressivo atua “ao serviço das classes dominantes” , ou seja , a serviço dos interesses daquela classe detentora do poder político e econômico que utiliza-se do Estado para exercer este poder sob uma égide de legalidade sobre as demais classes sociais , de tal maneira que se por ventura estas classes vierem a se rebelar , reivindicando alterações estruturais em relação ao *status quo* vigente , elas estarão “fora da ordem” pondo em risco a “segurança pública” e desta forma estarão sujeitas à ação do aparelho repressivo do Estado .

Estas normas jurídicas promulgadas não impedem o uso desmedido da força pelo Estado , apenas fundamentam-no juridicamente dando-lhe a aparência de justo porque legal . Este é o caso dos Atos Institucionais (AI's) , dos quais destaca-se o AI5 , promulgado durante a ditadura militar no Brasil , cassando qualquer direito individual e possibilitando as mais severas atrocidades contra aqueles que ousavam sequer questionar o governo militar constituído .

O governo republicano procedeu de forma similar , obtendo a autorização do Senado e Congresso para o envio de tropas a Canudos com o fito de dizimar uma comunidade que havia se tornado uma ameaça ao sistema de dominação vigente no século XIX no Brasil , baseado fundamentalmente na posse da terra .

Mais um ponto que devemos destacar sobre a teoria de Estado de Marx para dar continuidade ao nosso trabalho : o Estado é o alvo primordial da luta de classes política , ou seja toda a luta política entre as classes se dá tendo em vista a obtenção e manutenção do *poder de Estado* , seja por uma classe , seja por uma aliança de classes ou ainda por frações de classes .

A tomada do poder por determinada classe e , conseqüentemente , o domínio do poder do Estado por esta classe , não implica necessariamente na destruição do aparelho repressivo do Estado , apesar de que dependendo da espécie de regime político implantado a remodelação deste aparelho possa ser visada , tanto para aumentar seu poder coercitivo quanto para abrandá-lo , estando em função da necessidade de utilização desta força repressora pelo regime .

IX. Atuação da Imprensa

Não é tarefa simples convencer pessoas pertencentes à mesma classe de dominados daqueles que estavam sendo encarniçadamente atacados pelas tropas republicanas que este ataque não visava a aniquilação de uma comunidade que ousava se interpor entre os interesses da classe detentora dos poderes político e econômico , mas que , pelo contrário , a comunidade de Canudos era uma comunidade de bandidos e de monarquistas que intentavam a derrocada da República e , desta forma , restabelecer a venal Monarquia , atentando contra os interesses dos demais cidadãos .

Este objetivo foi logrado graças exatamente aos Aparelhos Ideológicos do Estado e , mais especificamente , graças à imprensa que na época do combate constantemente lançou mão de artifícios de propaganda muito eficazes como , por exemplo , o de publicar uma carta em vários jornais como sendo de autoria de Antônio Conselheiro denominado *Manifesto de Antônio Conselheiro* (presente na obra de Walnice Nogueira Galvão) , contendo erros de grafia primários , no qual ele supostamente incita os jagunços seus seguidores a derrubarem a “maldita República” , para posteriormente

criticá-lo e fazer galhofa , acusando-o de monarquista , como se tal postura política fosse um crime . Como é bem sabido , Antônio Conselheiro era homem letrado , conhecia francês , latim , havia trabalhado no Fórum do Ceará , portanto escrevia com correção , desta forma a tentativa de figurá-lo como um iletrado fanático religioso e líder de jagunços constitui-se apenas em um dos artificios de propaganda utilizado para estigmatizar a comunidade de Canudos e seu líder .

A propaganda ideológica visa exatamente a elaboração de idéias que contêm o objetivo do emissor , e portanto idéias que favorecem uma classe social em particular emissora de tal idéia , de uma maneira tal que aparente que estas idéias correspondem aos interesses dos receptores , facilitando assim a assimilação por estes dos conteúdos da propaganda.

A propaganda elaborada desta forma maquia os interesses reais dos emissores , ao mesmo tempo que distorce as reais condições de existência dos receptores para que estes não possam formular idéias destoantes daquelas veiculadas pela propaganda.²³

X. Atuação do Exército em Canudos

A relação que se estabelece a partir do conceito de aparelho repressor de Marx com os eventos ocorridos no sertão baiano é nítida e pode ser imediatamente deduzida ao analisarmos este importante acontecimento da história do país sob esta perspectiva teórica da formulação e funcionamento do Estado dada por Marx .

A República , sendo esta liderada pela burguesia cafeeira , havia tomado o poder da Monarquia , através de um golpe em 1889 tendo à frente o Marechal Deodoro da Fonseca , portanto quando do surgimento de Canudos em meados de junho de 1893 , a República encontrava-se ainda extremamente vulnerável , sendo que a fundação da comunidade de Belo Monte (assim chamada pelos prosélitos de Antônio Conselheiro) não só representava uma afronta ao completo domínio da terra pela oligarquia latifundiária como um forte pólo de atração demográfica que escasseava a mão-de-obra da região , mas primordialmente a comunidade representava uma ameaça à supremacia da República recém-constituída e deveria portanto ser dizimada até o ponto de não mais restar pedra sobre pedra (nas palavras do então Presidente Prudente de Moraes no seu discurso de vitória sobre Canudos , utilizando-se de uma expressão que faz uma paráfrase à Bíblia), o que terminaria por consolidar o poder republicano a um ponto tal que jamais aparecesse outro movimento de contestação como aquele ; aquela deveria ser a derradeira vitória da República , como de fato assim se verificou uma vez que vivemos sob este regime ainda hoje , sem termos passado por sublevações internas do mesmo porte da Guerra de Canudos .

Novamente destacaremos um trecho do livro de Marco Antonio Villa²⁴ que será extremamente profícuo para a elucidação das condições em que se deu a proclamação da República .

“As reformas advogadas por Ouro Preto foram aprovadas no Congresso Liberal de maio do mesmo ano (1889) : ampliação do colégio eleitoral , voto secreto , deputados proporcionais à população da província , transformação do Distrito Federal em circunscrição eleitoral , presidentes de províncias eleitos diretamente e nomeados de uma lista triplíce , maior autonomia administrativa às províncias , garantia dos direitos democráticos , casamento civil , liberdade de culto , temporalidade do Senado e liberdade de ensino .

...

As eleições de 3 de agosto que consagraram esmagadora vitória liberal e a possibilidade real de ser posto em prática o programa de Ouro Preto apressaram a conspiração republicana , pois a posse da nova Câmara ocorreria em 20 de novembro e havia um boato de que D. Pedro abdicaria em 2 de dezembro . As reuniões se sucederam , houve várias adesões de última hora e algumas traições - como a do ajudante geral Marechal Floriano Peixoto , nomeado por Ouro Preto para este cargo , o segundo em importância no Ministério da Guerra .

Deodoro da Fonseca , doente - segundo Anfrísio Fialho , o Marechal sofria de arteriosclerose - , foi arrastado para a conspiração pelos jovens oficiais . Até a última hora tentou um acordo com D. Pedro . No passeio de tropas na manhã do dia 15 estava em péssimas condições de saúde . Esta peculiaridade , acrescida da desorganização dos conspiradores , fez com que somente à tarde alguns advertissem que não ocorrera uma proclamação formal da República . Para isso , foi convocada uma reunião na Câmara Municipal do Rio de Janeiro , sob o comando de José do Patrocínio que , em nome das câmaras municipais do Brasil , oficializou a derrubada da Monarquia .

...

A adoção de reformas esbarrava no temor dos grandes proprietários de perder influência política , econômica e social advinda do monopólio da terra , enquanto a burguesia cafeeira almejava obter o poder de Estado para intensificar uma política econômica em defesa dos seus interesses , o que excluía qualquer possibilidades de reformas democratizantes .”

XI. Dominação

Muitas vezes neste relatório , fazemos referência a um processo em que se verifica a dominação de uma classe social detentora do poder econômico sobre as demais .

Uma questão que pode muito bem surgir e que demanda maiores explicações é esta : como se dá esta dominação ?

De acordo com a teoria de Marx esta dominação fundamenta-se no processo histórico ocorrido no período pré-revolução industrial , que se caracteriza pela *decomposição da unidade originária* do trabalho , ou seja , pela divisão criada entre o homem trabalhador e seus instrumentos de trabalho , ou ainda , pela dicotomia entre a força de trabalho e os meios de produção (máquinas , terras , ferramentas , etc) .

Isto significa que uma classe social tradicionalmente favorecida apropriou-se da posse dos meios de produção , inclusive da posse da terra , através da *acumulação primitiva* ou *originária* (processo de acumulação do capital com raízes no passado) e utilizando-se desta posse exerce seu poder econômico sobre a classe de trabalhadores que para poder obter o necessário para sua subsistência e a de sua família deve se submeter à venda de sua força de trabalho aos donos do capital que , por sua vez , deles extraem a *mais-valia* (trabalho não pago apropriado pelo dono do capital) enriquecendo crescentemente e perpetuando , destarte , a divisão social entre capitalistas - detentores dos meios de produção - e os trabalhadores - detentores da força de trabalho .

Esta forma de dominação fica evidente quando atentamos ao fato de que , muito freqüentemente , um trabalhador de uma linha de montagem não consegue adquirir nem sequer um só produto dentre os milhares que ajuda a produzir dado o baixo salário que recebe .

Por exemplo , no Brasil , um metalúrgico que trabalhe em uma montadora de automóveis participa da construção de dezenas de milhares de automóveis por mês e como recompensa recebe um salário de aproximadamente um décimo do valor de um único carro produzido , sendo que os custos com mão de obra não ultrapassam 5% dos custos de produção.

Esta forma de dominação também pode ser detectada e evidencia-se ainda mais quando focalizamos a situação dos trabalhadores da indústria de construção civil ; estes trabalhadores , no Brasil , possuem baixo nível de instrução e de especialização , além de muitas vezes sofrerem com o preconceito racial por sua condição de migrantes vindo em busca de melhores oportunidades em grandes centros urbanos , e por isso , seus salários são extremamente baixos , apesar de seu trabalho exigir grande esforço físico e muitas vezes envolver riscos à saúde e à vida . Podemos supor , com grandes probabilidades

de acerto , que muitos dos edifícios , monumentos , estradas e construções em geral foram resultantes do árduo labor destes trabalhadores atuando muitas vezes em precárias condições. Como recompensa para a construção de artigos de tamanho valor para a sociedade receberam rendimentos insuficientes para uma subsistência com padrões decentes , enquanto que quase a totalidade do valor da construção permanece nas mãos dos donos das construtoras e empreiteiras ou , de uma modo geral , nas mãos dos donos do capital .

Obviamente nem todo bem produzido pode ter seu valor acessível aos trabalhadores pois há produtos que demandam várias horas de trabalho e avançada tecnologia para sua produção , como é o caso dos maquinários utilizados no processo produtivo , ou seja , de bens de produção (bens estes que se encontram concentrados nas mãos dos donos do capital) , porém o que verificamos no Brasil é uma situação em que a maioria dos trabalhadores não possui poder aquisitivo suficiente sequer para adquirir bens de consumo comuns dos quais participaram diretamente da produção , situação da qual depreendemos que estes produtos têm como destinatários uma pequena parcela privilegiada da população do país (classes média e alta) .

Dados estatísticos podem ser arrolados no caso brasileiro que podem corroborar esta teoria , entre estes é o de que 10% da população mais rica do país controla 45% da receita nacional , enquanto a parcela dos 10% mais pobres ficam com apenas 1% da receita nacional , e além de uma péssima distribuição de renda a situação no país ainda têm como agravante a péssima distribuição fundiária na qual ocorre similarmente esta inversão cruel de proporção ; isto chegou ao ponto de sermos considerados o segundo país com pior distribuição de renda e também um dos piores distribuidores de terra do mundo , isto em um país com as dimensões continentais como possui o Brasil , e como resultado desta estrutura social extremamente injusta a sociedade brasileira convive com constantes conflitos que naturalmente emergem de um desbalanço social tão grave como o nosso .

Neste contexto podemos vislumbrar porque a comunidade de Canudos representava uma dissociação deste modelo de dominação historicamente determinado , uma vez que sua produção agrícola , produção de couro caprino e criação de gado , enfim , de toda sua atividade econômica era feita através do sistema de cooperativas de produção no qual a posse da terra para produção era comunitário , resguardando-se as pequenas propriedades particulares dos sertanejos , assim como também era comunitário os bens de produção utilizados , sendo que os sertanejos trabalhavam conjuntamente em uma terra que lhes garantia o sustento com a produção de alimentos e também gerava renda para a comunidade através da exportação de couro caprino e comércio com as regiões circunvizinhas.

Bibliografia

- * ANAIS DO SENADO . 1897.
- * ANAIS DO CONGRESSO . 1897.
- * CUNHA, Euclides da. Os sertões . São Paulo . 1946.
- * COIN, Cristina. A guerra de Canudos. São Paulo . Editora Scipione Ltda. 1992.
- * ANDRADE , Olímpio de Sousa . História e Interpretação de "Os sertões". São Paulo . Edart . 1966.
- * MONIZ , Edmundo . A guerra social de Canudos .
- * VILLA , Marco Antônio. Canudos , o campo em chamas. São Paulo . Ed. Brasiliense. 1992.
- * VILLA , Marco Antonio. Canudos - o povo da terra . São Paulo. Editora Ática. 1995.
- * LEVINE , Robert M. O sertão prometido - O massacre em Canudos. EDUSP . 1995.
- * VILLELA , Marcos Evangelista da Costa. Canudos: memórias de um combatente . Ed. Marco Zero . 1988.
- * GALVÃO , Walnice Nogueira. No calor da hora . Editora Ática. 1977.
- * ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Porto. Editora Presença . 1974.
- * MARX , Karl. Os Pensadores . Abril Cultural . 1978.
- * MARX , Karl. A liberdade de imprensa.
- * SEVCENKO , Nicolau . Literatura como missão - Tensões sociais e criação cultural na I República.
- * NOSELLA , Maria Lourdes de Chagas . As belas mentiras - a ideologia subjacente aos textos didáticos. São Paulo . 1979.
- * TCHAKHOTINE , Serge . A mistificação das massas pela propaganda política .
- * NOGUEIRA , Ataliba . Antônio Conselheiro e Canudos : Revisão histórica. A obra manuscrita de Antônio Conselheiro e que pertenceu a Euclides da Cunha .
- * DOMENACH , Jean Marie. Propaganda Política.
- * TORRES , João Camilo de Oliveira . A propaganda política : natureza e limites .
- * UNESCO. Racism , science and pseudo-science . 1994.
- * CALAZANS , José
GALVÃO , Walnice Nogueira . Reportagens de Euclides da Cunha publicadas no jornal O Estado de São Paulo.
- * IANNI , Octavio. Raças e classes sociais no Brasil . Editora Civilização Brasileira . 2.a edição .
- * PRADO , Maria Lígia.
CAPELATO , Maria Helena . O bravo matutino : Imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo .
- * FILHO , Clóvis de Barros . Crítica à objetividade da mídia . Artigo apresentado no III Congresso Brasileiro de Escolas de Comunicação .
- * GARCIA , Nelson Jahr . O que é propaganda ideológica . Editora Brasiliense . 1989.
- * REVISTA USP n.o 20, Dossiê Canudos. 1994.

Notas Bibliográficas

¹Ataliba Nogueira , pg.210

²Idem , pg.211

3

4

5

⁶pag.?

7

⁸Alguns autores dizem 1828

⁹Guerra Social de Canudos , p.17

¹⁰Idem ,p.16

¹¹Canudos - o povo da terra , Marco Antônio Villa , p.15

¹²Guerra Social de Canudos , Edmundo Moniz , p.16

¹³O sertão prometido - massacre em Canudos , Robert Levine , p.184 nota n.o 12

¹⁴Idem , p.184

¹⁵Canudos - o povo da terra , p.15

¹⁶Idem , pag.23

¹⁷Guerra Social de Canudos , Edmundo Moniz , p.31

¹⁸Idem , p.41

¹⁹Canudos - o povo da terra , Marco Antonio Villa , p.76

20

21

22

²³O que é propaganda ideológica.

24



FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

**Relatório Final do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC)
FGV/CNPq**

A GUERRA DE CANUDOS, IDEOLOGIA
E O PAPEL DA IMPRENSA NO
EPISÓDIO.

Orientando : Roberto Camargo Leite Moreira
Orientador : Prof. Dr. Esdras Borges Costa

4/06/96